

A NOVA ENTRADA DA

GRUTA DA BOCAINA

E O ENCONTRO COM O ET NO

PICO DO INFEICIONADO

Ezio Luiz Rubbioli

Grupo Bambuí de Pesquisas Espeleológicas



equipe do dia anterior havia encerrado as explorações num salão amplo de onde era possível avistar uma grande entrada superior. O rio, que eles haviam seguido nos últimos 500 metros, agora se perdia no meio de um desmoronamento caótico. O caminho subia na direção de um amontoado desordenado de blocos com mais de 30 metros de altura, suficiente para confundir os espeleólogos e camuflar as possíveis continuções. Foi este o cenário que encontramos quando retomamos os trabalhos de topografia no dia 29 de junho de 2001.



Era a segunda etapa da expedição franco-brasileira. Depois de duas semanas na Bahia nos esbaldando com as grutas quentes e secas do sertão nordestino e uma breve passada em São Domingos (Goiás), era hora de mudar o “clima” da expedição. E nada mais radical do que o Pico do Inficionado, nos municípios mineiros de Catas Altas e Mariana. Em termos de técnicas de exploração, tipo de cavernas e até mesmo logística, não é possível encontrar nada mais contrastante. Desde do dia 27 já havíamos montado o nosso acampamento-base a 2.060 metros de altitude. A montanha estava congestionada de espeleólogos. Éramos 11 brasileiros, 10 franceses, uma dúzia de barracas, 1 km de cordas, duas furadeiras e algumas centenas de quilos de equipamentos e mantimentos. O objetivo principal era a Gruta da Bocaina, que já estava explorada até a profundidade de 404 metros e tinha boas opções inexploradas. Mas para “entreter” toda esta gente,

era necessário mais que uma simples caverninha. E, desde o primeiro dia, as explorações haviam sido direcionadas a outras áreas do maciço, que mostravam igual potencial. Em especial, uma grande fenda ao sul da Gruta do Centenário polarizava as atenções. Começavam as explorações do sistema que mais tarde receberia o nome de Alaouf. Mas isso é outra história... Vamos voltar à Bocaina.

Mesmo com a descoberta da nova entrada, preferimos refazer o caminho passando pelas galerias internas, a partir do abismo de 116 metros. Enquanto isso uma outra equipe tentaria encontrar um acesso por fora. O tal salão era o encontro de duas fendas paralelas e chegava a mais de 10 metros de largura. Pode parecer pouco, mas para as grutas em quartzito do Pico do Inficionado, qualquer coisa com mais de 1 metro pode ser considerada um “salão” (em geral as fendas variam de 30 cm a 1,5 metros de largura). Seguimos para o lado esquerdo,

onde um desnível indicava as melhores opções. O conduto estava quase completamente preenchido por blocos, embora uma forte corrente de ar confirmasse a nossa suspeita sobre uma possível continuação. Descemos um abismo de 15 metros, uma galeria inclinada e mais outro abismo de 6 metros no meio de um “quebra-corpo”. Já era possível ouvir novamente o barulho do rio e a esperança de uma boa descoberta contagiou a equipe. Mais uma passagem apertada e estávamos diante de um lance vertical de 25 metros, onde a galeria retomava o seu formato mais característico.

O padrão das grutas do Pico do Inficionado é bem marcante e sofre poucas alterações nas várias cavidades conhecidas: as fendas principais estão orientadas na direção leste-oeste, sendo interligadas por passagens secundárias – geralmente curtas e menores – na direção norte-sul. Essas galerias costumam ser

Located at Pico do Inficionado, Minas Gerais, Gruta da Bocaina is the second deepest and largest quartzite cave in the world, being only outclassed by its "neighbour", Gruta do Centenário.

In July 2001, yet another French Brazilian expedition was fielded to the area, with the aim (among other things), of continuing Gruta da Bocaina's exploration.

The article describes the finding of a new passage in the cave, with an independent drainage and leading to a new entrance at the other side of the cave.

Topo do abismo de 116 metros: acesso principal da Gruta da Bocaina.
Foto: Jean François Perret.

preenchidas por blocos e até mesmo sedimento na sua parte superior. À medida que descemos encontramos uma rocha mais "limpa" em que a drenagem entalha maravilhosas formas de erosão, conhecidas como "tuboágua". E quanto mais fundo, as passagens tornam-se mais estreitas e não são raros os locais onde temos que dividir o pouco espaço que sobra entre as paredes com o rio a 11°C.

Estávamos a 250 metros de profundidade e não era de se esperar que a gruta "fechasse" de uma forma abrupta. Em quase todas as galerias conhecidas, até o nível - 400, normalmente não encontrávamos grandes obstruções. Tentando fugir da água e da parte mais estreita do abismo fomos obrigados a descer na diagonal, fazendo uma oposição para manter a direção correta. Um tarefa nada agradável, principalmente quando se tem que apoiar as costas na parede molhada. Quase sempre um

La nouvelle entrée de Bocaina et la rencontre avec un ET sur le Pico do Inficionado.

*Ezio Luiz Rubbioli
Groupe Bambui de
Recherches Spéléologiques.*

L'équipe de la veille avait interrompu ses explorations dans une vaste salle d'où il était possible d'apercevoir une grande entrée au niveau supérieur. La rivière qu'ils avaient suivie le long de ses 500 mètres terminaux se perdait maintenant au milieu d'un éboulis chaotique de blocs désordonnés atteignant une hauteur de 30 mètres. Le chemin s'élevait en direction d'un amoncellement de roches propres à tromper les spéléos et à leur en cacher les suites éventuelles. C'est ce cadre qui nous attendait donc quand nous avons repris nos travaux de topo le 29 juin 2001.

Nous entamions à présent la seconde phase de l'expédition franco-brésilienne. Après deux semaines passées à Bahia à batailler avec les grottes chaudes et sèches du sertão nordestin et un bref passage à São Domingo (Goiás), l'heure était venue de changer "d'atmosphère". Et pour un changement radical, rien de tel que le Pico do Inficionado, dans les cantons mineiros de Catas Altas et Mariana. Lorsqu'il est question de techniques d'exploration, de type de cavernes et même de logistique, il est impossible de trouver nulle part ailleurs de lieu plus riche en contrastes. Depuis l'avant-veille, nous avions déjà installé notre camp de base à une altitude de 2060 mètres. Ce pan de montagne ne tarda pas à être tout embouteillé par un amas de spéléologues. 21 au total dont 11 Brésiliens et 10 Français, une demi-douzaine de tentes, un km de cordes, deux perceuses ainsi que quelques centaines de kilos d'équipements et de vivres. Notre intérêt premier devait se concentrer sur la grotte de la Bocaina qui avait déjà été explorée jusqu'à une profondeur de 404 mètres et qui recelait encore de belles possibilités de découvertes. Cependant, pour garantir "le bon moral des troupes", une modeste cavité n'aurait pas entièrement fait l'affaire. Voilà pourquoi, dès le premier jour, les explorations

avaient été dirigées vers d'autres espaces du massif dont le potentiel s'avérait aussi prometteur. Une grande faille située au sud de la Gruta do Centenário avait, plus que toute autre, retenu notre attention. C'est ainsi que commencèrent les explorations du système qui devait plus tard être baptisé Alaouf. Mais ceci est une autre histoire... Revenons à la Bocaina.

Ayant découvert la nouvelle entrée, nous avons néanmoins choisi de refaire le parcours en passant par les galeries internes à partir du gouffre de 116 mètres. Une autre équipe recherchait simultanément un passage du dehors. La salle en question devait son relief à la rencontre de deux failles parallèles et atteignait une envergure de plus de 10 mètres. Ce qui peut, à priori, paraître peu. Mais ne nous y trompons pas car, dans les grottes en quartzite du Pico do Inficionado, n'importe quel espace de plus d'un mètre peut déjà être considéré comme une "salle" (en général, les failles dont la largeur varie de 30 cm à 1,5 m). Nous avons opté pour le côté gauche où un dénivelé offrait de meilleures possibilités. Le conduit était presque entièrement encombré de blocs d'effondrement alors que le souffle d'un fort courant d'air nous laissait penser qu'une suite devait exister. Nous avons descendu un gouffre de 15 mètres, une galerie inclinée puis un autre abîme de 6 mètres au milieu d'un "brise-membres". D'où nous nous trouvions, il était de nouveau possible d'entendre le ruissellement de l'eau de la rivière, promesse d'une belle découverte qui ne manqua pas de nous contagier. Encore un passage étroit à franchir et nous nous retrouvions face à un obstacle vertical de 25 mètres où la galerie reprenait ses configurations les plus caractéristiques.

Celles-ci sont bien définies au sein des cavités du Pico do Inficionado et n'offrent guère de variations parmi les nombreuses cavernes connues. Les failles principales ont une orientation Est-Ouest et elles sont reliées entre elles par des conduits secondaires, le plus souvent courts et plus étroits, qui courent Nord-Sud. Ces galeries sont fréquemment envahies par des blocs et même par des sédiments dans leur partie supérieure. Au fur et à mesure de notre descente, on entrait en contact



Detalhes típicos das galerias da Guta da Bocaina: fendas altas e estreitas, drenadas por pequenos rios.
Fotos: Jean François Perret.



atrevido filete da água entra pela gola do macacão, atravessa no meio das costas e só termina a tortura quando sai por uma das pernas do traje, até então sequinho equentinho.

Enquanto equipávamos a série de abismos, parte da equipe havia ficado nas galerias superiores e escutou a presença da turma que veio por fora da gruta chegando no alto da fenda. Mesmo munida de GPS e mapa, não foi uma tarefa fácil encontrar esta entrada. Várias fendas atravessaram diante deles, obrigando-os a traçar um caminho sinuoso e complicado. E mesmo quando chegaram à entrada, só tiveram certeza de que era o mesmo local avistado no dia anterior depois de ter estabelecido comunicação com a equipe debaixo. Imediatamente o barulho da furadeira rompeu o silêncio da caverna e em pouco tempo tínhamos uma corda instalada no lance vertical de 37 metros. Agora, felizmente, o caminho de volta não teria que atravessar toda a caverna.

Enquanto isso, 120 metros abaixo, acabávamos de fixar a corda no abismo de 25 metros. A galeria tornava-se ampla, mas logo à frente, um novo desmoronamento tratava de preencher os espaços vazios. O rio voltava à cena, percorria uns poucos metros saltando de cachoeira em cachoeira e se enfiava numa fresta impenetrável. Não havia muitas esperanças de continuções... E nem tempo para procurá-las. O sol já estava baixo e a trilha recém-aberta não era suficientemente conhecida para ser percorrida à noite. Retornamos, deixando a topografia para depois.

À noite, no acampamento montado ao redor de uma grande lona laranja, os comentários principais giravam em torno da Alaouf. Afinal de contas estávamos diante de uma nova caverna com um grande potencial inexplorado. As equipes haviam sido barradas em dois pontos por abismos que deveriam ser equipados. O rio havia sido atingido e a gruta seguia firme

em seu trajeto descendente. Mas, além de a descoberta não comportar uma equipe mais numerosa, deveríamos completar a topografia da Bocaina.

Com a nova rota marcada, o caminho para o ponto final da Bocaina tornou-se um tarefa fácil e rápida. Simplesmente contornava-se o maciço pelo flanco norte, desviando de algumas fendas e encostas mais íngremes. O pior trecho era uma pequena escalada de uma saliência onde uma corda havia sido instalada. Nada demais às oito da manhã, depois de uma noite de sono e a barriga cheia. Mas à noite, depois de longas horas debaixo da terra, com frio e fome e podendo encontrar chuva e neblina pela frente, o cenário deveria ser bem diferente.

Chegamos no ponto final do dia anterior sem muitas esperanças de encontrar continuções. A parte baixa da galeria estava totalmente preenchida por um desmoronamento compacto. Acima, pairando sobre nossas



cabeças, imensos blocos se espremiam entre as paredes da fenda. Já que seguir pelo rio era impossível, galgamos alguns metros subindo naquele abatimento caótico. A galeria, embora larga, não deixava muitas possibilidades para avançarmos. Um pouco mais à frente, uma passagem apertada na lateral esquerda mostrava-se como a última opção. O piso despencava num abismo que não possui mais que 40 centímetros de largura. Instalamos a corda e descemos 25 metros entalados numa fenda onde mal dava para virarmos a cabeça. E o filete de água passando dentro do macacão que, a esta altura, já não estava tão quentinho e sequinho... A galeria continuava retilínea e cada vez mais estreita. Ufa!!! Um janela lateral surgia bem na hora, permitindo que mudássemos para a fenda do lado, que era mais larga. Descemos um novo abismo de 10 metros e recuperamos o rio. Que água fria!!! A galeria parecia se defender como

avec une roche plus "propre" dans laquelle le drainage avait sculpté de merveilleuses formes érodées connues sous la dénomination de "tuboaguas". Et plus on descendait, plus les passages se resserraient, allant jusqu'à atteindre une étroitesse telle qu'il n'était alors pas rare de devoir partager avec la rivière le peu d'espace qu'il nous restait entre les parois.

Nous nous étions aventurés à une profondeur de 250 mètres et rien ne laissait supposer que la grotte "ne se fermât" d'une manière abrupte. Dans presque toutes les galeries recensées à ce jour, jusqu'à 400 m de profondeur, aucunes obstructions sérieuses n'avaient jusqu'ici empêché la progression. En cherchant à nous éloigner du cours d'eau et de l'espace le plus réduit du gouffre, il nous a fallu descendre en diagonale, en opposition, afin de nous maintenir dans la bonne trajectoire. Un exercice des plus fâcheux, surtout quand nous étions obligés de nous adosser à la paroi ruisselante qui ne manquait presque jamais de laisser s'infiltrer par le col de nos habits, puis se frayait un chemin au beau milieu de notre dos avant de terminer sa course et notre torture par l'une des jambes de nos pantalons qui étaient auparavant sèches et chaudes.

Alors que nous étions en train d'équiper la série de gouffres, une partie du groupe qui se trouvait dans les galeries supérieures entendit l'équipe du dehors qui s'approchait de la faille. Ces derniers, pourtant équipés de GPS et d'une carte, avaient quelques difficultés sérieuses à repérer cette entrée. Plusieurs failles leur avaient barré la route et les avaient obligé à emprunter un itinéraire sinueux et compliqué. Et ils ne touchèrent au but en ayant la certitude d'avoir enfin rejoint les lieux aperçus la veille qu'au moment où ils établirent le contact avec l'équipe du dessous. Le bruit de la perceuse rompit alors le silence de la caverne et très vite une corde dont nous allions pouvoir disposer fut installée le long de la paroi verticale de 37 m. Grâce à elle, heureusement, nous n'aurions pas à retraverser toute la cavité pour en ressortir.

Au même moment, 120 m plus bas, nous venions d'équiper le gouffre de 25 m. La galerie s'élargissait mais, juste devant nous, un nouvel éboulis avait décidé de combler les espaces vacants. La rivière refaisait son apparition sur la scène, coulait sur quelques mètres en sautant de cascade en cascade avant de redisparaître dans un orifice infranchissable. Les chances de trouver une suite s'avéraient des plus limitées... De plus, le temps nous était compté. Le soleil était déjà bas dans le ciel et le chemin qui venait d'être découvert, encore trop méconnu, n'offrait pas assez de garanties pour être emprunté de nuit. Nous avons fait demi-tour en laissant la topo à plus tard.

La nuit venue, au camp de base installé autour d'une grande bâche jaune, les commentaires allaient bon train au sujet d'Alaouf. En fin de compte, nous avions mis les pieds dans une nouvelle cavité riche d'un grand potentiel inexploré. Les équipes avaient vu leur progression s'interrompre par des gouffres qui devaient être équipés. La rivière avait été rejointe et la grotte suivait fermement son trajet descendant. Cependant, et bien que l'équipe ayant participé à cette découverte ne fût pas plus nombreuse, parmi les tâches restant à accomplir figurait la topo de la Bocaina.

Une fois balisé le nouveau sentier menant à l'extrémité de la Bocaina, la marche d'approche y conduisant était devenue facile et rapide en contournant simplement le massif par le flanc nord, évitant ainsi les quelques failles et les versants plus escarpés. Le tronçon le plus pénible du trajet consistait en une brève escalade d'une saillie le long de laquelle une corde avait été fixée. Rien de tel qu'un exercice de la sorte, à huit heures du matin, après une nuit de sommeil et un p'tit déj dans l'estomac. Mais le soir venu, après de longues heures passées dans les entrailles de la terre, assaillis tantôt par le froid et la faim, tantôt par le brouillard et la pluie, le scénario pouvait s'avérer tout autre.

Nous étions parvenus à l'extrémité atteinte la veille sans grands espoirs de découvrir une suite. La partie basse de la galerie était toute encombrée par un éboulement compact. Plus haut, d'immenses blocs flottant au-dessus de nos

podia. Primeiro os blocos, depois os estreitos e agora um lago! Rumo ao desconhecido, o piso mergulhava, enquanto a água já alcançava o altura da nossa cintura. O conduto seguia perfeitamente reto e plano. Cem, cento e cinqüenta, duzentos metros... Até que enfim uma luz no fim do túnel! Realmente uma luz! Uma clarabóia rasgava o teto da galeria enchendo de vida os tons monocromáticos da caverna. Um rio se enfiava novamente numa passagem baixa enquanto uma rampa de blocos se elevava em direção à saída.

Finalmente conseguíamos completar a travessia de uma drenagem subterrânea. Já havíamos explorado 7 drenagens no pico do Inficionado¹ e, com exceção desta, todas terminavam em passagens estreitas, desmoronamentos ou sifões². Pela primeira vez avistávamos o outro lado do maciço de dentro de uma caverna. O desnível de quase 1 km e o tempo limpo proporcionavam uma vista maravilhosa. Ficamos algum tempo nos deliciando com a descoberta e os sanduíches amarrotados que havíamos carregado por toda a caverna. Era um prazer comer sob a luz do pôr-do-sol.³ Mas ainda tínhamos um longo trabalho pela frente: a topografia. Neste momento a equipe resolveu se dividir. O Álvaro e o Gabriel tentariam uma via pelo lado de fora, seguindo uma fenda aberta que chegava à base do maciço, enquanto a Lília e eu nos encarregamos do mapeamento. Já era final de tarde e a equipe externa não teria muito tempo para encontrar um caminho até o acampamento. Se isso ocorresse, ou a trilha se mostrasse muito penosa, eles teriam que voltar por dentro da caverna a tempo de nos encontrar antes de desequipar os abismos. Acertamos um horário limite pelo qual deveríamos esperar para tirar as cordas e nos separamos desejando boa sorte.

O mapeamento mostrou-se uma tarefa mais demorada do que prevíamos. Além de estarmos somente em dois, a gruta possuía várias passagens laterais que consumiam rapidamente o nosso tempo. Ao chegarmos no pé da primeira corda já era mais de oito horas da noite e não haviam dúvidas de que a outra equipe havia se dado bem. Pelo menos foi o que imaginamos (leia nesta edição: Si je tombe, je suis mort...). Mesmo sabendo que não teríamos tempo para concluir todo o mapeamento naquele dia, resolvemos prosseguir com a trena até a parte superior do desmoronamento, onde as dificuldades praticamente terminavam. Assim poderíamos recuperar boa parte das cordas além de facilitar o trabalho das futuras equipes de topografia (que provavelmente seríamos nós mesmos). Saímos da gruta por volta de 10 da noite. Chegando no acampamento, ainda carregados de equipamentos até os dentes, cansados, sujos e molhados, tivemos que escutar um sermão dos colegas que haviam chegado mais cedo e estavam preocupados com o nosso atraso. E a repreensão só não foi maior porque a equipe do Jacques estava ainda mais atrasada. Eles haviam entrado na Bocaina para desequipar as galerias entre a nova entrada e o PII6 e, provavelmente, estavam perdidos no meio de algum desmoronamento. Comemos rapidamente e fomos para a barraca descansar um pouco caso a situação se complicasse.

O sono veio rápido, mas a conversa do lado de fora da barraca não nos deixava dormir profundamente. Fragmentos de palavras em francês e português se misturavam como os meus sonhos. E, depois de algum tempo, já não conseguia mais separar a realidade da ficção...

- (...) estamos equipados... Vamos descer.

- Um ET. Eu vi um ET na entrada da caverna.

- Zzzz. Roooonnn.

- (...) encontrou a equipe. Já estão subindo. (...) tirar as cordas.

- O Jacques foi embora com a equipe do ET (...).

Não escutei mais nada e finalmente caí num sono profundo. O calor do saco de dormir envolveu o meu corpo a única coisa que vinha na minha mente era a entrada da Bocaina. Realmente um dia inesquecível... A descoberta de uma travessia sempre é algo inesquecível. Os trabalhos na Bocaina estavam praticamente concluídos, restando poucas galerias a serem topografadas próximas à nova entrada⁴. Mesmo tendo a certeza de que a gruta não teve seu desnível ampliado, as novas descobertas iriam praticamente dobrar o seu tamanho, assegurando uma destacada posição mundial entre as cavidades nesta litologia⁵.

No dia seguinte fiquei sabendo dos acontecimentos. A equipe do Jacques havia percorrido toda a caverna retirando as cordas. Quando chegaram próximo da entrada principal, o PII6, não encontraram a passagem no meio dos blocos abatidos, ficando perdidos a menos de 20 metros do início da subida. Como não restava nada a fazer, resolveram sentar e esperar pela ajuda externa que chegou somente por volta da meia-noite. Felizmente, todos passavam bem e tudo não passou de um incidente sem maiores conseqüências. Ah... E o ET??? O Thiago, que havia ficando esperando o pessoal voltar da caverna próximo ao Pico, confundiu o Joel com um ser extra-terrestre. Também, numa noite escura, se deparar com um elemento esguio, com a cabeça careca e um "olho" luminoso no centro da testa deve realmente causar arrepios. E o pior é que ele quase pulou no abismo para fugir daquela estranha criatura que vagava em cima da montanha.

NOTAS

1. Nesta época já haviam sido explorados três rios no Centenário, um no Bloco Suspenso, dois na Bocaina e um na Alaouf.
2. No Centenário dois rios terminam em estreitos (a 400 e 406 metros de profundidade) e o último – e mais profundo – se perde no meio de um grande abatimento a 481 metros de profundidade. O rio do Bloco Suspenso termina num estreito a 171 metros abaixo da entrada. Na Bocaina a primeira drenagem teve as explorações interrompidas em um sifão (-404 m). E na Alaouf, como se veria mais tarde, o limite do rio – e da caverna – era um desmoronamento (-294 m).
3. Alguns anos antes, durante uma prospecção externa havíamos chegado bem próximo daquele local e descobrimos dois pequenos abrigos batizados de Paredão Leste I e II.
4. Esta topografia foi feita no dia seguinte, pela mesma equipe do dia anterior. Somente o Leandro entrou no lugar do Gabriel.
5. Depois de concluída a topografia, a Bocaina somou 3.220 metros de projeção horizontal e 404 metros de desnível, tornando-se a segunda maior e mais profunda caverna nesta litologia no mundo, só sendo superada pela sua vizinha, a Gruta do Centenário. 

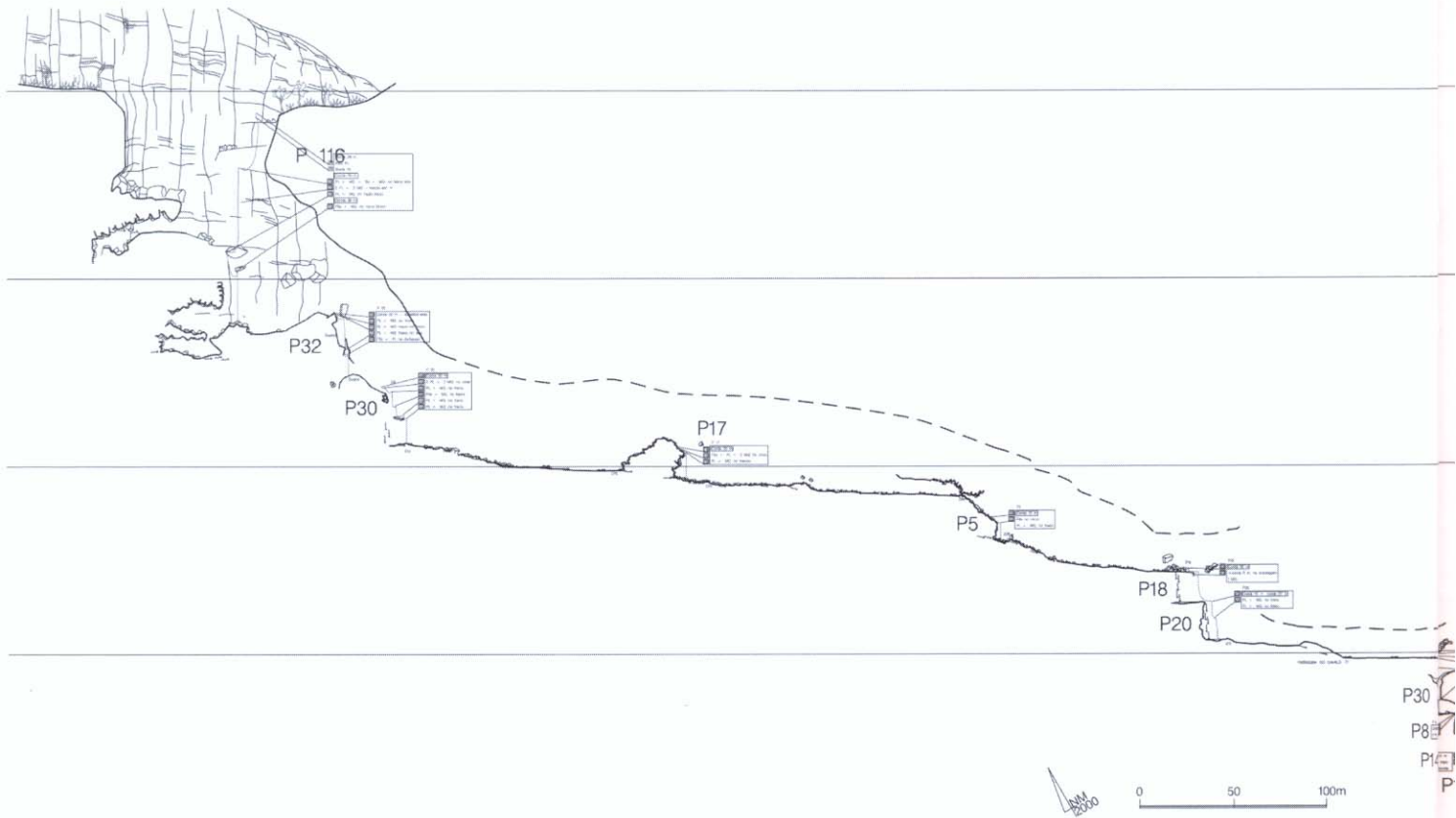
têtes étaient comprimés entre les parois de la faille. Le tracé de la rivière était quant à lui impraticable. Il ne nous restait d'autre choix que de gravir quelques mètres en grim pant sur cet éboulis chaotique. Malgré sa largeur, la galerie ne nous offrait guère de possibilités de progression. Un peu plus loin devant nous, un passage resserré dans la latérale gauche s'avérait constituer notre seule espérance. Le sol s'ouvrait sur un gouffre dont la largeur ne dépassait guère les 40 cm. Cette faille fut équipée et nous nous laissâmes glisser le long de la corde sur 25 m, emprisonnés dans la roche qui ne nous permettait quasiment pas d'esquisser le moindre mouvement de tête. Sans parler du filet d'eau qui nous parcourait l'échine, et qui déjà, n'avait pas tardé à nous refroidir et à nous mouiller comme des soupes... La galerie se poursuivait rectiligne en se resserrant de plus en plus. Heureusement, une lucarne latérale apparut au bon moment et nous permit de déménager dans la faille voisine qui elle, était plus large. Après avoir descendu un nouvel abîme de 10 m, nous avons rejoint à nouveau le cours d'eau. Celui-ci était gelé... La galerie semblait se défendre comme elle pouvait. D'abord les blocs, ensuite les failles en forme d'étaux, et maintenant un étang ! Allant toujours au devant de l'inconnu, le terrain accentuait sa déclivité à mesure de notre progression alors que le niveau de l'eau nous entourait déjà la taille. Puis le conduit continuait son chemin en ligne parfaitement droite et plane. Cent, cent-cinquante, deux-cents mètres... Et une lumière apparut enfin au bout du tunnel. Une véritable lumière ! Un aven déchirait le plafond de la galerie emplissant de vie les tons monochromes de la caverne. Une rivière s'infiltrait de nouveau dans un passage bas alors qu'une pile de blocs s'élevait vers le ciel.

Au bout du compte, nous avons réussi à accomplir la traversée d'un drainage souterrain. Avant celui-ci, nous en avions déjà exploré sept autres au Pico do Inficionado et, mis à part ce dernier, tous s'achevaient en cul-de-sac, par des éboulis ou des siphons. Pour la première fois, nous avions aperçu l'autre versant du massif depuis l'intérieur d'une cavité. Le dénivelé

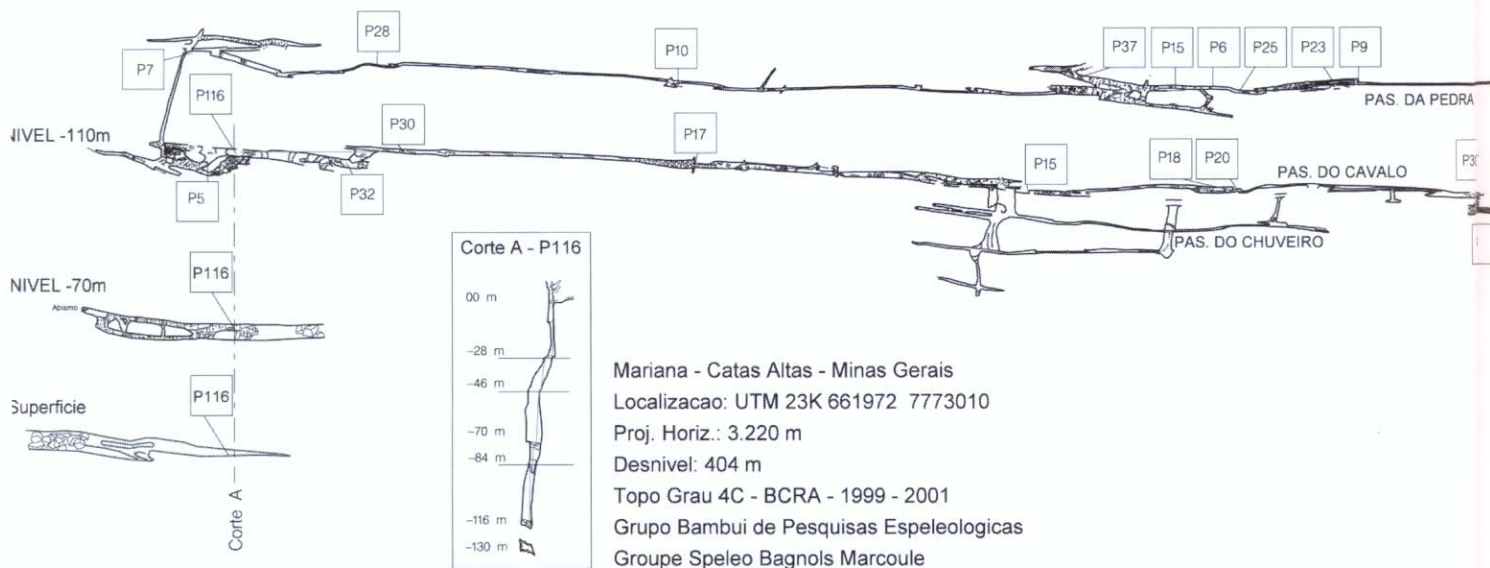
d'environ un km allié au temps dégagé nous permettait de jouir d'un panorama magnifique. Cette découverte fut appréciée comme il se devait. Nous sommes restés un bon moment sur place en profitant de l'instant pour avaler nos sandwiches que nous avions conservés à portée de la main tout au long de la journée, et nous admirions le paysage devant nous. Quel plaisir il y avait à casser la croûte à la lumière d'un coucher de soleil ! Mais il nous restait encore un long labeur à accomplir : la topo. Afin de mener à bien cette tâche, il fut décidé de scinder l'équipe. Álvaro et Gabriel se chargeraient de trouver un passage du dehors alors que Lilia et moi-même aurions la responsabilité de la cartographie. La journée touchait à sa fin et l'équipe du dehors n'aurait que très peu de temps pour trouver un chemin jusqu'au camp. Si toutefois ils y parvenaient, ou si le sentier s'avérait des plus pénibles, ils devraient alors nous retrouver à temps dans la caverne avant de déséquiper les différents points de passage. Nous nous étions mis préalablement d'accord sur un horaire limite à respecter avant de récupérer les cordes. Ensuite, nous nous sommes séparés en nous souhaitant bonne chance.

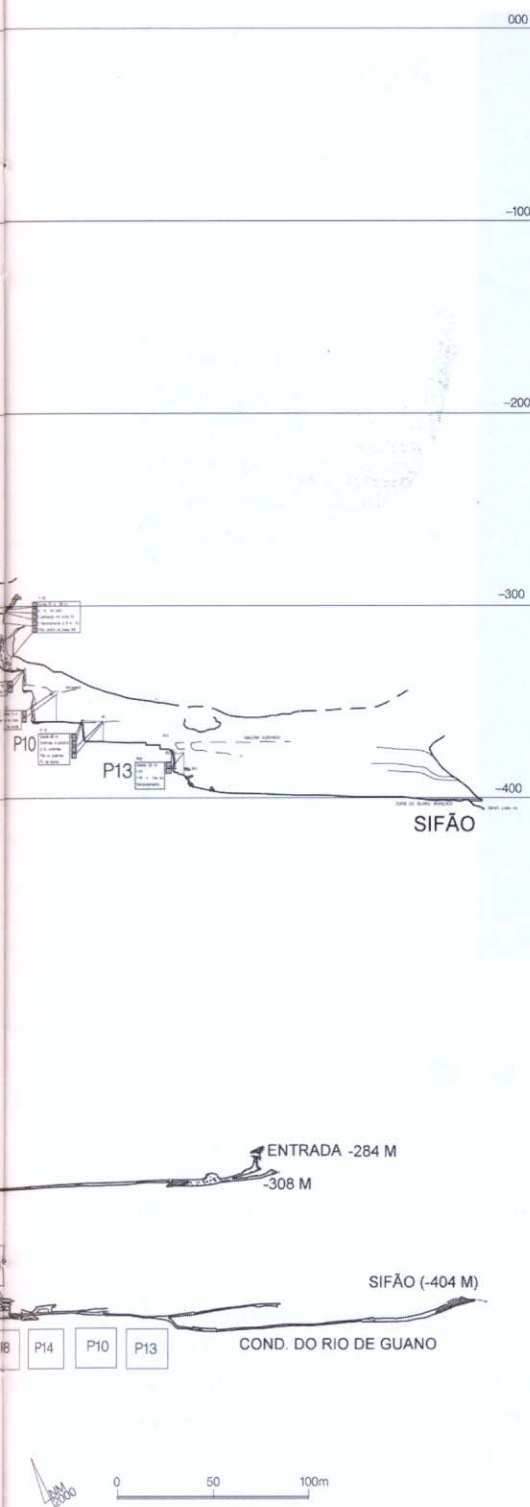
La topo se révéla plus longue que prévue. Ajouté au handicap de n'être que deux pour la mener à bien, la grotte possédait plusieurs passages latéraux qui nous faisaient perdre un temps fou. Arrivés au pied de la première corde, il était déjà plus de 8 heures du soir et nous étions alors persuadés que l'autre équipe avait accompli sa tâche avec succès. Tout au moins, c'est ce que nous pensions (voir l'article : Si je tombe, je suis mort...). Tout en sachant pertinemment que nous n'aurions pas le temps de conclure notre travail ce jour-là, nous avions résolu de poursuivre la topo jusqu'à la partie supérieure de l'éboulis, à l'endroit même où les difficultés du terrain s'aplanissent presque entièrement. Nous pourrions ainsi récupérer une grande partie des cordes, ce qui ne manquerait pas de falciter les entreprises des futures équipes chargées de la topo (et dont nous ferions très probablement partie). Nous nous sommes extraits de la grotte vers 10 heures. En arrivant au camp encore tout surchargés

PERFIL LONGITUDINAL - GALERIA SUL



GRUTA DA BOCAINA





d'équipements, sales et trempés, nous nous sommes fait passer un savon par les collègues qui étaient revenus avant nous et qui commençaient à se faire du mouron à cause de notre retard. Et la réprimande ne dépassa pas certaines limites uniquement parce que le groupe de Jacques était encore plus en retard que nous. Ils avaient pénétré dans la Bocaina pour déséquiper les galeries comprises entre la nouvelle entrée et le point P 116, et ils s'étaient sans doute perdus au milieu d'un éboulis. Nous avons pris notre repas en hâte et sommes allés nous reposer un peu sous la tente au cas où la situation l'exigeât.

Nous ne tardâmes pas à trouver le sommeil mais la conversation qui se prolongeait au clair de lune troublait notre repos. Des bribes de phrases, tantôt en français, tantôt en portugais, s'immisçaient dans mes rêves et il m'était bientôt devenu impossible de distinguer les songes de la réalité...

- (...) Nous sommes équipés... On descend !

- Un ET. J'ai vu un ET à l'entrée de la caverne.

- Zzzzz. Rooonnn.

- (...) J'ai rejoint l'équipe. Ils remontent déjà (...). Retirez les cordes !

- Jacques est parti avec le groupe des ET (...).

Et c'est tout ce que j'ai entendu avant de sombrer dans un profond sommeil. La chaleur de mon sac de couchage enveloppa mon corps et la seule chose qui frappa mon esprit fut l'entrée de la Bocaina. Un jour inoubliable à n'en pas douter ... La découverte d'une traversée ne s'oublie jamais. Les tâches à accomplir dans la Bocaina étaient pratiquement achevées. Il ne restait plus que quelques galeries à topographier aux abords de la nouvelle entrée. Tout en étant conscient du fait que la cavité n'avait pas étendu son dénivelé, il n'en restait pas moins que les contributions apportées par ces nouvelles découvertes allaient pratiquement multiplier par deux la taille de celle-ci en lui assurant une position mondiale enviable parmi les grottes de cette lithologie.

Le lendemain, j'ai appris ce qui s'était passé. L'équipe de Jacques avait traversé toute la caverne en retirant les cordes. Quand ils eurent rejoint les abords de

l'entrée principale, le point P116, ils ne trouvèrent pas le passage au milieu des blocs effondrés. Ils s'étaient égarés alors qu'ils ne se trouvaient qu'à 20 m du commencement de la remontée. Comme il ne leur restait rien d'autre à faire qu'à prendre leur mal en patience, ils s'assirent et attendirent qu'on vint à leur secours du dehors. Leur attente dura jusqu'à minuit. Heureusement, rien de fâcheux n'arriva et ils s'en sortirent tous sains et saufs. Ah... Et le ET ?... Thiago qui était resté à nous attendre à notre sortie de la caverne près du Pico, avait pris Joël pour un extra-terrestre. Il est vrai que par une nuit noire, tomber nez à nez avec un individu déginguandé, au crane rasé et braquant sur vous un "oeil" luminescent incrusté au beau milieu du front a de quoi faire se dresser les cheveux sur la tête de quiconque serait témoin d'une telle apparition. Et cela aurait tout aussi bien pu se terminer plus tragiquement car, pris de panique et voulant à tout prix fuir cette étrange créature, Thiago avait failli se jeter dans le précipice.

1. A cette époque, trois rivières du Centenário, une du Bloco Suspendido, deux dans la Bocaina et une dans l'Alaouf avaient déjà été explorées.

2. Dans le Centenário deux rivières s'achèvent en se resserrant (à respectivement 400 et 406 m de profondeur) et le dernier, le plus profond, se perd au milieu d'un imposant éboulis à 481 m de la surface. La rivière du Bloco Suspendido se termine sur un resserrement à 171 m. en-dessous du niveau de l'entrée. Dans la Bocaina, le premier drainage a vu ses explorations s'interrompre sur un siphon (-404m.). Et dans l'Alaouf, comme nous l'apprendrons plus tard, le point limite de la rivière, et de la caverne, est barré par un éboulis (-294m.).

3. Quelques années auparavant, au cours d'une prospection extérieure, nous nous étions approchés très sensiblement de ces lieux et nous avions découvert à l'occasion deux petits abris que nous avions baptisé Paredão Leste I et II.

4. Cette topo a été effectuée le lendemain par la même équipe que la veille. La seule altération a vu Leandro remplacer Gabriel.

5. Après en avoir conclu la topo, la Bocaina totalisait 3220 mètres de projection horizontale alors que son dénivelé en comptait 404, ce qui en fait la deuxième au monde par la taille et la plus profonde dans cette lithologie. Seule sa voisine la Gruta do Centenário la dépasse.